

CIES
centro
de investigação
e estudos
de sociologia



Modos de Relação dos Diferentes Públicos com o Pavilhão do Conhecimento

Autores:

Alexia Diniz
Ana Alves
Filipe Miranda
Nuno Carvalho
Pedro Arteiro
Rita Grácio

Orientadoras:

Cristina Palma Conceição
Maria do Carmo Gomes
Ana Rita Coelho

22-07-2005

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	02
1.1. O PAVILHÃO DO CONHECIMENTO.....	02
1.2. OBJECTIVOS.....	02
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	04
2.1. A CULTURA CIENTÍFICA E O PAVILHÃO DO CONHECIMENTO....	04
3. MODELO DE ANÁLISE E METODOLOGIA.....	05
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	08
4.1. QUEM NÃO VAI AO PAVILHÃO DO CONHECIMENTO.....	08
4.2. QUEM VAI AO PAVILHÃO DO CONHECIMENTO.....	08
4.2.1. Cib@rcafé.....	08
4.2.2. Exposições.....	09
5. RECOMENDAÇÕES.....	11
6. CONCLUSÃO.....	12
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	13
ANEXOS.....	14

1. INTRODUÇÃO

1.1. O PAVILHÃO DO CONHECIMENTO

O Pavilhão de Conhecimento – Ciência Viva é um museu interactivo de ciência e tecnologia. Aberto ao público desde 25 de Julho de 1999, é parte integrante da Rede de Centros Ciência Viva, com o pólo dinamizador e centro de recursos dessa mesma rede.

O seu principal objectivo é o estímulo do conhecimento científico e a difusão da cultura científica e tecnológica entre os cidadãos. As exposições e as actividades propostas permitem ao visitante, através de módulos lúdicos e interactivos, explorar muitos e variados temas científicos.

Além das grandes exposições temáticas, o Pavilhão do Conhecimento – Ciência Viva promove ainda diversas acções de divulgação científica e outras iniciativas de carácter educativo.

Localizado no centro do Parque das Nações, o Pavilhão de Conhecimento possui dois espaços distintos. A zona de exposições paga¹, onde se desenvolvem variados temas científicos de forma experimental tais como a matemática, o desporto ou a física, sempre com vista a demonstrar que a ciência é algo mais que um cientista genial dentro de um laboratório. E uma zona não paga onde se encontram uma Mediateca, um Cib@rcafé, uma livraria e uma loja de *souvenirs*.

1.2. OBJECTIVOS

O que nos propusemos investigar neste trabalho foi: de que modo e em que medida é que os diferentes públicos interagem com o Pavilhão do Conhecimento? Com este objectivo pretendemos perceber o que fazem as pessoas no Pavilhão do Conhecimento, quais os espaços ou módulos mais apreciados pelo visitantes do pavilhão e com quem vão à visita. Tendo como conhecimento prévio que existia uma baixa taxa de jovens que visitava o Pavilhão do Conhecimento (Coelho, 2004) procurou-se saber porque é que tal

¹ Os preços variam de 2,5 a 6 euros havendo contudo descontos caso a pessoa em questão possua certos documentos como o cartão-jovem ou o de estudante

facto acontecia. Assim formulámos um segundo e último objectivo: quais os motivos da baixa frequência de jovens no Pavilhão do Conhecimento?

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. A CULTURA CIENTÍFICA E O PAVILHÃO DO CONHECIMENTO

Hoje em dia a cultura científica vem a tomar uma importância cada vez maior no desenvolvimento económico, social e cultural das sociedades contemporâneas. Perante este facto, têm vindo a surgir ao longo dos últimos anos em Portugal, várias iniciativas que visam aproximar a população do conhecimento científico, especialmente o público mais jovem.

Este é o caso do “Programa Ciência Viva” que pretende levar o conhecimento científico à população em geral e sobretudo aos jovens num registo informal, descontraído e bastante interactivo.

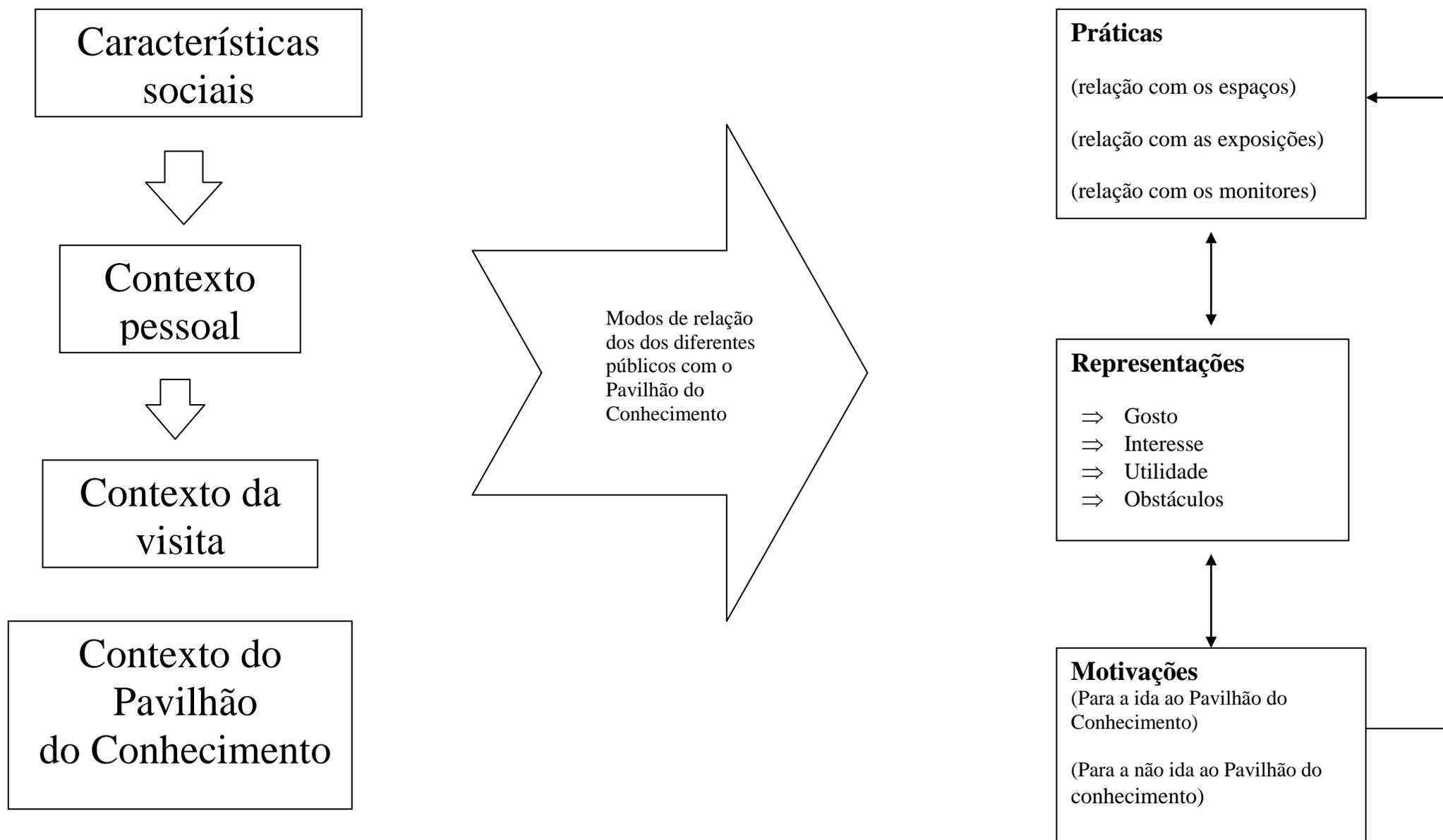
O livro “Públicos da Ciência em Portugal” (Costa, Ávila e Mateus, 2002) dá contudo conta que nem todos os portugueses se relacionam da mesma forma com a ciência, uma parte significativa mantém-se alheada dos avanços neste domínio e demonstra pouco interesse na aquisição de novos conhecimentos, outros pelo contrário mantêm uma relação muito próxima com a ciência tanto por motivos profissionais como apenas por simples curiosidade e interesse. Ainda que em Portugal exista alguma facilidade na angariação de jovens para carreiras científicas, estes ainda se mantêm distantes dos centros de ciência, tal como diz o responsável pelo departamento educativo do pavilhão do conhecimento “esta seria a faixa etária [dos 14 aos 20 anos] que mais poderia aproveitar muitas das coisas que aqui estão, porque já têm um esquema mental suficientemente desenvolvido (...), mas é uma faixa etária que tem outras coisas para fazer e que não visita muito museus e centros de ciência...é essa a realidade!” (Coelho, 2004).

3. MODELO DE ANÁLISE E METODOLOGIA

Após previamente discutidas as várias diferenças entre três métodos de justificação: o inquérito por questionário, a entrevista e a observação; concluímos que os métodos mais favoráveis seriam a entrevista e a observação, já que o inquérito não permitia aprofundar as questões a que queríamos responder, e devido ao pouco tempo que dispúnhamos para o aplicar.

Optámos primeiramente por restringir a idade do público em estudo entre 14 e os 25 anos. Escolhemos então três locais, para a aplicação do estudo, que foram o conjunto das Exposições, o Cib@rcafé e o Centro Comercial Vasco da Gama. Para melhor cobertura do terreno, dividimo-nos em grupos de dois elementos no Cib@rcafé e de quatro elementos nas exposições. Foi feito um plano prévio de 32 entrevistas, que mais tarde viria a ser ultrapassado, ao fazermos 34. Para uma amostra mais heterogénea do público do Pavilhão, dividimos o número de entrevistas pelos espaços que tínhamos à disposição. Optámos por fazer 6 entrevistas no Cib@rcafé, estando estas divididas em 3 entrevistas pela manhã e 3 pela tarde; dentro das exposições, as entrevistas, divididas entre grupos organizados e não organizados, foram de 10 entrevistas a grupos organizados e 6 a grupos não organizados. No centro Vasco da Gama foram feitas 10 entrevistas no total. A entrevista dividia-se nas seguintes dimensões: características sociais, contexto pessoal, contexto da visita, motivações, práticas e representações (ver em anexo o guião das entrevistas).

A observação foi desenvolvida no Cib@rcafé e nas exposições, e centrava-se em tópicos como: idade, sexo, formação de grupos (se os grupos são organizados ou não), espaço (espaço em estudo), comportamento (se as legendas são utilizadas e de que maneira), relação com outros (se existe comunicação e interactividade), tempo (tempo passado em cada espaço) e relação corporal (movimentos, ruídos, etc.). (ver em anexo o guião da observação). Apresenta-se de seguida o modelo de análise elaborado para o desenvolvimento desta visita.



4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De seguida vamos proceder à apresentação dos resultados, que se dividem entre os públicos que vão e os que não vão ao Pavilhão do Conhecimento. Dentro dos visitantes do Pavilhão, achámos importante fazer a distinção entre aqueles que frequentam o Cib@rcafé e os que visitam as exposições:

4.1. QUEM NÃO VAI AO PAVILHÃO DO CONHECIMENTO

Os jovens que não frequentam o Pavilhão do Conhecimento são geralmente pessoas com uma maior dificuldade ao longo do seu percurso escolar, apresentando a maioria níveis de escolaridade mais baixa, o que pode explicar de certa forma o desinteresse destes pelos museus em geral, e em especial pelo Pavilhão do Conhecimento. A grande parte apontou a falta de interesse, disponibilidade e o preço - que consideram elevado - como principais factores para não visitarem o Pavilhão. Apesar disso muitos admitem poder realizar uma visita um dia.

4.2. QUEM VAI AO PAVILHÃO DO CONHECIMENTO

4.2.1. [Cib@rcafé](#)

Durante o nosso estudo percebemos que os frequentadores do Cib@rcafé na sua maioria vão ao Pavilhão do Conhecimento unicamente para o uso da internet.

A maior parte destas pessoas nunca foi ao museu.

Durante a nossa observação de manhã reparámos que a maioria eram pessoas de idade mais avançada, devido a haver aulas de informática para pessoas mais velhas, neste espaço.

A partir das 11 horas e 30 minutos verificámos um maior volume de jovens neste espaço na sua maioria imigrantes e descendentes de emigrantes de origem africana, não demonstrando nenhum interesse por museus e em particular pelo Pavilhão do Conhecimento. Depreendemos que o nível económico destas pessoas era baixo, pois precisavam de se deslocar regularmente àquele espaço para poder aceder à internet.

Esse era a sua principal motivação para entrarem no edifício do Pavilhão do Conhecimento.

4.2.2. Exposições

Tentámos antes de tudo perceber porque é que os jovens vão ao Pavilhão do Conhecimento e a opinião dos mesmos acerca do museu.

Para a maioria dos jovens, a ida a museus não é uma prática recorrente, mas demonstram um interesse especial pelo Pavilhão do Conhecimento, pois dizem que é “giro”, “porreiro”, “fixe”, “cool”.

Na sequência da realização de entrevistas ficámos a saber que a maior parte das visitas ao museu são previamente planificadas e normalmente realizam-se com a família, amigos, sendo o maior volume de visitas realizado no âmbito escolar. A maior parte das pessoas tomou conhecimento do Pavilhão através da EXPO '98, sendo também de salientar a escola e os amigos, como fonte de informação.

Essencialmente os jovens vão ao Pavilhão do Conhecimento pela curiosidade e vontade de saber mais sobre ciências.

A explicação do maior volume de jovens neste museu comparativamente com outros, passa pelo facto de ser interactivo e divertido, “explica coisas do dia-a-dia de forma simples e divertida”, “explica coisas simples que à partida pareciam difíceis”. O tipo de pessoas que vem mais são frequentemente jovens mas inseridos em visitas organizadas, o restante são famílias ou pequenos grupos de amigos.

A partir deste estudo ficámos a conhecer melhor as formas de interacção dos públicos com o Pavilhão do Conhecimento. Os tipos de públicos e a forma como interagem com as exposições diverge muito. Verificámos que o espaço favorito dos visitantes é a exposição “Ciência e Desporto”. Nesta exposição o público era muito interactivo com as diferentes experiências e materiais. Neste local, a maioria eram visitas organizadas, os jovens não liam as legendas e tentavam realizar as experiências vendo os colegas ou simplesmente experimentando. As actividades eram habitualmente realizadas em pequenos grupos de amigos e/ou colegas.

Modos de relação dos diferentes públicos com o Pavilhão do Conhecimento

Em oposição, a exposição “Matemática Viva” tinha um movimento muito mais reduzido. Chegámos, pois, à conclusão que isto era devido ao facto de esta exposição ser menos interactiva e exigir mais tempo dos visitantes e um maior nível de conhecimentos. A maior parte do público desta exposição são pais que vêm com filhos e demoram mais tempo lendo as legendas e tentando explicar aos filhos as diferentes experiências. Os módulos favoritos nesta exposição são as mesas de bilhar e as bolas de sabão pois são mais acessíveis à maioria das pessoas. A postura corporal nesta exposição era essencialmente de silêncio e concentração.

Na exposição “Vê, Faz, Aprende” a maioria do público era mais novo com idades entre os 5 e 16 anos. Tal como na exposição “Ciência e Desporto”, o movimento era maior e a postura corporal era de grande agitação e muito barulhenta. Os monitores destacavam-se por estarem, ao contrário de outras exposições, sempre prontos a ajudar e a explicar às crianças e jovens a forma de realizar as distintas actividades. A maioria dos grupos era formada devido à existência de *ateliers* de férias de verão da Câmara Municipal de Lisboa que se encontravam no Pavilhão em visita de estudo.

Na Exposição “Exploratorium” a maioria das pessoas não fica muito tempo, pois não exige a dedicação e tem muitas experiências. A maioria das pessoas tende a não ler as legendas, experimentando e tentando perceber como é que os módulos funcionam. A postura corporal é de grande agitação e de grande curiosidade. A interacção com os monitores é muito reduzida. Na parte da manhã, a maioria das pessoas que se encontrava nesta sala eram grupos organizados sendo estes mais agitados. Da parte da tarde, a maioria do público eram famílias e pequenos grupos, mais calmos e já liam as legendas ficando assim mais tempo nesta exposição.

5. RECOMENDAÇÕES

A partir da investigação realizada é possível indicar algumas recomendações ao Pavilhão do Conhecimento de modo a tornar este espaço mais adequado e apelativo aos jovens.

Essas recomendações são as seguintes:

Ao nível das exposições:

- Maior rotação das exposições, abrangendo outras áreas científicas.
- Rodar exposições entre outros museus e centros de ciência.
- Módulos mais práticos e com uma utilidade no quotidiano.

Ao nível do Cib@rcafé:

- Motivação dos seus utilizadores para as exposições do Pavilhão através de uma exposição de Informática.

Ao nível da motivação:

- Meios mais utilizados pelos jovens (Messenger, internet, pop-ups).

Aspectos negativos mais salientados:

- Preço.
- A exposição "Matemática Viva".
- A não alternância das exposições.

6. CONCLUSÃO

Após a realização desta investigação pensamos ter atingido todos os objectivos atrás propostos e concluimos que:

- O público que não visita o Pavilhão do Conhecimento apresenta, geralmente, menores habilitações literárias e um percurso escolar mais irregular, e não o faz essencialmente devido à falta de interesse, ao preço, e à falta de disponibilidade.

- O público que visita o Pavilhão do Conhecimento divide-se em dois grupos distintos: os que frequentam o Cib@rcafé com o intuito de ir à Internet gratuitamente e sem interesse pelo restante Pavilhão; e os que frequentam as exposições com o propósito de obter mais conhecimentos ou vir com os colegas de turma ou de grupo fazer uma visita organizada.

Modos de relação dos diferentes públicos com o Pavilhão do Conhecimento

As exposições mais aliciantes são a “Ciência e o Desporto” e o “Vê, Faz e Aprende”, que contrastam com a “Matemática Viva”.

Conclui-se portanto, que existem diferentes modos de relação com o Pavilhão do Conhecimento, variando consoante as características sociais, os espaços, as pessoas com quem vão e as motivações.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Ana Rita (2004), *Públicos do Pavilhão do Conhecimento – Ciência Viva: contributo para a análise da cultura científica*, Lisboa, ISCTE (Dissertação de Licenciatura em Sociologia).

COSTA, António Firmino da, Cristina Palma Conceição, Inês Pereira, Pedro Abrantes e Maria do Carmo Gomes (2005), *Cultura Científica e movimento Social: Contributos para a Análise do Programa Ciência Viva*, Lisboa, CIES-ISCTE.

COSTA, António Firminio da, Patrícia Ávila e Sandra Mateus (2002), *Públicos da Ciência em Portugal*, Lisboa, Gradiva.

Outras fontes:

<http://www.cies.iscte.pt>

<http://www.pavconhecimento.pt>

ANEXOS

GUIÃO DE ENTREVISTA:

Idade:

Sexo:

Ocupação:

Ano de escolaridade:

Com quem é que vive?

Tem filhos?

Costuma ir a museus. Com que frequência?

E ao P.C com que frequência?

Tem algum interesse pela ciência?

Costuma vir acompanhado, com quem?

Esta visita foi previamente planificada?

Como teve conhecimento do P.C , à quanto tempo?

O que o leva a visitar o P.C?

Porquê é que não visita o P.C?

Dentro do P.C qual é o espaço que prefere? Porquê?

Que exposição prefere? Porquê?

E qual o módulo? Porquê?

Prefere realizar as actividades sozinho ou com acompanhamento especializado?

O que pensa do P.C comparativamente a outros museus?

Qual é o aspecto que mais gosta do P.C? e menos?

Que utilidade tem para si este tipo de museu?

Pensa voltar?

GRELHA DE OBSERVAÇÃO:

Idade:

Sexo:

Formação de grupos:

Espaço:

Monitores:

Actividades (ler legendas):

Relação com outros:

Tempo:

Relação corporal: (silêncio...)